

Futebol, Mídia e Representação: A Seleção Brasileira pelos sites R7 e Globo Esporte nas Olimpíadas de Londres 2012¹

Francisco Ângelo BRINATI²
Filipe Fernandes Ribeiro MOSTARO³
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ

RESUMO

Parte-se aqui da hipótese de que as identidades culturais são construídas e reconfiguradas, em parte, pelos meios de comunicação. Os enquadramentos adotados por determinados veículos ajudam na construção de uma percepção da realidade. Essas escolhas envolvem interesses. A disputa empresarial sobre os direitos de transmissão de eventos esportivos pode afetar na construção de determinado objeto a ser noticiado. Supõe-se que os discursos adotados na internet por dois sites de empresas concorrentes – o R7 da Rede Record e o Globo Esporte da Rede Globo –, na cobertura das Olimpíadas de Londres 2012, foram distintos sobre a campanha da seleção brasileira de futebol. O que pode contribuir para a identificação ou a queda de aproximação do torcedor com o time.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Representação; Discurso; Seleção Brasileira; Olimpíadas.

INTRODUÇÃO

A mídia constitui-se, cada vez mais, no *locus* predominante das sociedades contemporâneas. Seja da vida pública, em geral, e do esporte, especificamente. É necessário ressaltar, desde logo, que os indivíduos podem reelaborar os sentidos das notícias passadas pelos meios de comunicação (dados os diferentes repertórios culturais que os receptores apresentam, distintos processos de decodificação das mensagens são acionados). Mas é igualmente certo que as visões de parcelas significativas da opinião pública em sociedades altamente midiáticas – como a brasileira, por exemplo – são, em alguma medida, influenciadas pelos enquadramentos utilizados pelos veículos de comunicação ao tratarem de determinada questão.

A comunicação, então, deixa de ser entendida como mero instrumento, e passa a ser entendida como ambiente de ação. Configura-se como a principal arena na qual se travam

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Email: chicobrinati@yahoo.com.br.

³ Mestrando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sócio efetivo do Intercom no DT 6 – Interfaces Comunicacionais, GP Comunicação e Esporte. Email: filipemostaro@hotmail.com.

as discussões sobre os temas tidos como relevantes - e acaba por ocupar, também, papel importante nos processos de construção de significados sobre a realidade. Enquanto geradora de discursos que trazem consigo determinadas representações do real (marcadas pela apresentação de enfoques específicos, dentre muitos outros possíveis), a mídia interfere nas relações sociais.

Logo, as relações de identificação são, mesmo que parcialmente, influenciadas pelos veículos – principalmente de indivíduos ou grupos que dependam excessivamente das informações provenientes da comunicação de massa.

O futebol é uma das manifestações culturais mais expressivas da sociedade brasileira. De acordo com Helal (2011, p. 1), “por meio deste esporte, experimentamos um sentido singular de totalidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas”. Um fenômeno onde podemos buscar uma maior compreensão de quem somos e o que queremos ser.

Mesmo sendo o futebol um elemento primordial na história recente do país, em sua transição de uma sociedade rural para uma moderna sociedade urbana, como um processo de identificação nacional, seu papel já não é o mesmo de outros tempos e assistimos atualmente a um declínio do interesse pela seleção, apesar das recentes conquistas. O torcedor ainda conserva seu “nacionalismo quadrienal”, atrelado à seleção, mas a “pátria de chuteiras” perdeu muito da sua carga simbólica (HELAL, 2010, p. 39).

Entre os meios de comunicação, a internet, por exemplo, ao noticiar os fatos que fazem parte da rotina dos leitores, contribui para a construção desse simbolismo e o surgimento de uma esfera de debate público: parte dos sentidos que os cidadãos associam à seleção brasileira deriva das imagens públicas da equipe na mídia. O jornalismo em tempo real faz com que a produção e a distribuição da informação ocorram quase simultaneamente nos portais e sites.

Atualmente, uma das principais questões que dizem respeito ao esporte é a cobertura dos jogos e campeonatos, principalmente dos megaeventos, que são espetáculos midiáticos. A mídia configura suas transmissões de acordo com seus interesses e de seus patrocinadores, por vezes deixando de considerar o fato jornalístico. Sobretudo nos períodos de grandes eventos como os Jogos Olímpicos, quando o interesse pelo assunto aumenta, a cobertura feita pelos meios de comunicação influencia a construção, consolidação ou modificação destas imagens públicas das equipes e dos atletas.

Desta forma, os discursos que a mídia faz sobre um jogador configuram uma construção de imagem pública que pode contribuir para a identificação ou não com a equipe brasileira. A oferta de determinados sentidos e modelos de interpretação é relacionada aos enquadramentos adotados pelos meios de comunicação e às suas práticas discursivas (que, por sua vez, impactam a percepção de realidade de determinados grupos ou indivíduos e influenciam neles os processos de construção da suas próprias identidades).

Diante destes pressupostos, o presente trabalho busca analisar, a partir das coberturas jornalísticas de dois sites de notícias (com ênfase nos enquadramentos dados), a construção e as mudanças na imagem pública da seleção brasileira de futebol durante os Jogos Olímpicos de Londres-2012.

1 – FORMAÇÃO DE IDENTIDADES NUM AMBIENTE MIDIATIZADO

Se, portanto, as representações públicas que são feitas nos meios de comunicação sobre indivíduos e coletividades são tão relevantes para a construção, consolidação ou mudança dos sentidos sociais a eles atribuídos, o debate sobre identidades (as discursividades que nos conduzem a determinadas narrativas sobre quem somos e quais são nossas relações de pertencimento) é crucial para a compreensão de variados fenômenos – inclusive do esporte.

O desafio aumenta à medida que se constata que se vive hoje uma era de intensificação das transformações identitárias. Nas últimas décadas, as sociedades têm experimentado rápidas mudanças, especialmente no que diz respeito aos efeitos da globalização. Segundo Zygmunt Bauman (2001), vivemos numa “modernidade líquida”, na qual tudo é temporário, efêmero, líquido, porque não é capaz de manter a forma. Não há mais um enraizamento, pois tudo é desmontado a cada momento.

De acordo com Kathryn Woodward (2005), a identidade tem se destacado como uma questão importante nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos novos movimentos sociais, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Esses processos colocam em questão uma série de certezas tradicionais, dando força ao argumento de que existe uma crise da identidade (WOODWARD, 2005, p. 67).

Para Woodward, “os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas,

muitas vezes por meio da luta e da contestação política” (WOODWARD, 2005, p. 39). São, portanto, identidades em constante construção.

As identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2005, p.108).

O indivíduo, então, vive numa crise de identidades, em que procura respostas para sua existência individual e coletiva. O sujeito atual, nessas abordagens, não seria centrado nem unificado, mas fragmentado: sua identidade é constituída na relação com o outro, nas trocas culturais, na mediação social de símbolos, valores e sentidos. A identidade não mais poderia ser vista como pré-determinada de forma biológica, nem social.

A identidade, portanto, necessita do outro para ser referendada, ou seja, não se constrói identidade para si e por si - são necessários processos de interação entre indivíduos numa sociedade e mecanismos de construção simbólica da alteridade.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2000, p. 38).

Logo, em síntese, é crescentemente majoritária a visão de que as identidades decorrem de fenômenos simbólicos e discursivos, de matriz histórico-cultural, e não de essências. Nessa linha, a realidade – e também qualquer identidade - é vista como algo que deriva das relações sociais. Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann, “a identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade” (BERGER e LUCKMANN, 1995, p.228).

Deste modo, aquilo que o indivíduo chama de realidade é, em grande medida, construído pelos filtros e escolhas discursivas feitas pelas instituições responsáveis por sua formação – contemporaneamente, cada vez mais os meios de comunicação. Do mesmo modo, aquilo que o indivíduo diz ser sua identidade também é influenciado por estas instâncias.

Num mundo, então, marcado pela globalização – e a sua interação entre fatores econômicos e culturais - e por radicais mudanças objetivas na realidade social, o indivíduo em crise de identidade (já que sente falta de uma referência e de vínculos, num cenário que

ênfatisa o efêmero e as relações superficiais) sofre alguma influência dos meios de comunicação, cujas narrativas constituem o solo no qual se travam os processos de interação social.

O jornalismo ofertado pelas diversas mídias (inclusive a internet) é fundamental na construção dessa realidade. Por meio dos discursos adotados por eles, os sujeitos são influenciados e têm as suas identidades reconfiguradas. Com isso, emergem novas identidades culturais, produzidas nas relações sociais.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2005, p.109).

Se essas discussões são aplicáveis à questão identitária de maneira geral, também o são especificamente às identidades esportivas. No Brasil, o futebol é um dos principais fenômenos de representação e identidade nacional.

O futebol é um objeto social complexo e que pode ser socialmente apropriado de vários modos em diferentes sociedades. Isso permite que um mesmo sport seja uma diversão na América e um instrumento de comunicação social e de construção de identidade nacional em países como o Brasil. (DAMATTA, 1982, P. 29).

Essa relação de identificação, de afetividade e pertencimento com a seleção brasileira de futebol depende, em parte, da construção da imagem da equipe pelos meios de comunicação e os enquadramentos adotados pelas empresas.

2 - ENQUADRAMENTOS JORNALÍSTICOS E ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS SENTIDOS

A oferta de determinados sentidos e modelos de interpretação é relacionada aos enquadramentos adotados pelos meios de comunicação e às suas práticas discursivas (que, por sua vez, impactam a percepção de realidade de determinados grupos ou indivíduos e influenciam neles os processos de construção da suas próprias identidades).

Os veículos jornalísticos escolhem abordar alguns fatos em detrimento de outros, e por meio de determinados enquadramentos em detrimento de outros, o que configura uma realidade construída por eles, já que não relatam todos os fatos ocorridos por todos os ângulos possíveis. Segundo Pierre Bourdieu, “os jornalistas têm os seus óculos particulares

através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p.12).

Além da inevitável presença de enquadramentos escolhidos por algum critério a ser utilizado na seleção e na organização de conteúdo noticioso, há também a influência do campo econômico sobre os grupos empresariais que controlam os meios de comunicação. Nesse ambiente de conflito de interesses, não se pode imaginar que a mídia apresente vozes imparciais. O “desprendimento” do campo da mídia é permanentemente tensionado por essa sua inserção no campo econômico. “A percepção da influência desse campo econômico sobre os meios de comunicação leva, muitas vezes, à denúncia de sua total ausência de autonomia” (MIGUEL, 2002, p.168).

Esses enfoques e enquadramentos surgem num jogo de interesses empresariais, no qual existem interferências sobre a exposição dos fatos. Deste modo, aquilo que muitos indivíduos chamam de realidade é, em grande medida, construído pelos filtros e escolhas feitas pelos meios de comunicação.

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela de realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento (ABRAMO, 2003, p.24).

Na maioria dos casos, essa parcialidade em relação ao “real” não é explícita, fica subjetiva por trás dos discursos – mas ainda assim afeta a percepção que o indivíduo tem do mundo. Essa interferência tanto pode ser mínima, imperceptível, como pode ser explícita. Mas ela sempre existe, pois a *realidade* é descrita pelos olhos de “terceiras pessoas” que possuem interesses em jogo.

A mídia, então, como produtora e vocalizadora de determinados significados e de representações da realidade, tem alguma capacidade de interferir nas relações sociais. Ela usa códigos e símbolos, de forma incessante, que contribuem para a formação de visões do mundo. As mensagens transmitidas pelos meios influenciarão, em alguma medida, as escolhas dos cidadãos (qual exatamente é esta medida configura o grande objeto de discussão de diferentes tradições teóricas).

3 – GLOBO ESPORTE E R7

O site GloboEsporte.com⁴ é o portal esportivo que fica dentro do portal Globo.com, das Organizações Globo. De acordo com o site Memória Globo, a página na internet foi lançada em 2001. Já o R7 é um portal de notícias e entretenimento pertencente a Central Record de Comunicação. Possui conteúdo e vídeos da Record News, Rede Record, Record Internacional e suas afiliadas e foi inaugurado em 2009.

Desde a década de 1980, a Rede Globo de Televisão detém a exclusividade na cobertura de quase todos eventos esportivos de grande porte. Os Jogos Olímpicos de Londres foram as primeiras Olimpíadas que a emissora ficou sem os direitos de transmissão. Essa disputa empresarial entre as duas emissoras atingiu os outros produtos jornalísticos das duas instituições.

4 – O DISCURSO SOBRE A SELEÇÃO DE FUTEBOL EM LONDRES-2012

A seleção brasileira de futebol, apesar de ser a equipe com maior número de títulos de Copas do Mundo – cinco no total – ainda não conquistou uma medalha de ouro em Jogos Olímpicos. Em duas oportunidades antes de Londres, foi medalha de prata: em 1984, em Los Angeles, e 1988, em Seul.

Na competição de 2012, o time do treinador Mano Menezes fez cinco partidas. Buscamos, neste trabalho, analisar o discurso das reportagens dos sites R7 e Globo Esporte sobre as partidas da seleção, disponíveis logo após as partidas.

A primeira partida do Brasil foi contra a seleção do Egito. Vitória por 3x2. No GE, já no título é ressaltado o estilo dúbio apresentado pela equipe com a expressão “Brasil duas caras” (GE, 26/07/2012)⁵. Ao longo de todo o texto, as falhas do time brasileiro são colocadas em evidência:

É verdade que o Egito levou perigo nos primeiros minutos, ajudado por **falhas** do zagueiro Thiago Silva e do goleiro Neto. [...] Mas o Egito, em ritmo acelerado, só não marcou o segundo porque Salah, aos 11 minutos, demorou a concluir. Sozinho, ele não foi rápido e viu o lateral-esquerdo

⁴Ao longo de todo o trabalho usaremos a sigla GE quando formos nos referir ao site Globoesporte.com.

⁵Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/brasil-duas-caras-selecao-da-show-vacila-mas-vence-egito-por-3-2.html>. Acessado em 26/07/2012.

Marcelo, que **vacilou** no lance, chegar para cortar. [...] A postura ofensiva do Egito, de certa forma, **assustou o time brasileiro, acomodado com a vantagem e errando muito** (grifo do autor).

Já o site R7 opta por exaltar a vitória da equipe: “Brasil dá show no primeiro tempo”⁶. E busca usar termos que remetem ao talento dos jogadores, silenciando sobre possíveis erros.

Depois de um **primoroso e empolgante** primeiro tempo, a seleção brasileira relaxou na etapa final e sofreu para segurar a vitória. [...] Quem chamou a atenção foi o zagueiro Thiago Silva. O capitão brasileiro cortou bolas por cima e por baixo e evitou que a pressão egípcia se transformasse em empate (grifo do autor).

A segunda partida, outra vitória, 3x1 sobre a Bielorrússia, os enquadramentos adotados pelos dois sites foram parecidos. O GE manteve o tom crítico: “Mano admitiu a má fase. A imprensa cobrou um pouco mais nos Jogos Olímpicos” (GE, 29/07/2012)⁷. A busca em dar luz às falhas dos jogadores fica mais evidente na descrição do gol sofrido. O GE diz que “o lateral Rafael foi quem deixou o jogador livre na grande área para completar para as redes” (GE, 29/07/2012). Enquanto o R7 apenas diz que o atacante adversário “apareceu livre para marcar” (R7, 29/07/2012). O título da reportagem do site da Record é “Neymar dá show, Brasil vira diante da Belarus e assegura classificação” (R7, 29/07/2012)⁸. Em outros momentos do texto, a equipe brasileira é retratada como calma e talentosa.

Como Mano Menezes previu, foi preciso paciência. Surpreendida no começo do jogo, a **seleção brasileira teve calma para impor o seu maior talento**, virar e vencer, com show de Neymar no segundo tempo.[...] Algo que ocorreu principalmente devido ao gol europeu logo aos 7min, quando o brasileiro naturalizado Renan Bressan apareceu livre para marcar de cabeça na cara de Neto. **O tento não desesperou a seleção brasileira**, que foi paciente, assim como o técnico tinha pedido. Invertendo o jogo a todo o momento, o Brasil deu o troco na mesma moeda. Aos 14min, Neymar colocou na cabeça de Alexandre Pato, que subiu com estilo para empatar (grifo do autor).

⁶Disponível em <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/brasil-x-egito-jogos-olimpicos/>. Acessado em 26/07/2012.

⁷Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/neymar-assume-responsabilidade-brasil-vence-e-vai-quartas-de-final.html>. Acessado em 29/07/2012.

⁸Disponível em <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/com-golaco-de-neymar-brasil-vira-diante-da-belarus-e-assegura-classificacao/>. Acessado em 29/07/2012.

Na vitória sobre a Nova Zelândia por 3x0, o R7 continua a construir em seu discurso uma imagem de equipe em boa fase, que sabe impor seu estilo de jogo, segura⁹.

Se repetir o futebol desta quarta-feira, a seleção brasileira não deverá ter problema na próxima fase. Com um futebol envolvente, o Brasil passeou em Newcastle, em **sua mais segura atuação** até o momento nos Jogos Olímpicos. [...] Neymar, aos 15min, **perdeu gol incrível** sem goleiro na pequena área, chutando por cima do travessão. Leandro Damiano de certa forma **compensou o torcedor logo depois ao aplicar linda lambreta em um marcador na ponta direita**. [...] O fato negativo foi a expulsão de Alex Sandro, aos 30min, por simular pênalti (grifo do autor).

O que não vemos na matéria do GE¹⁰. O site escolhe abordar a chance de gol perdida pelo atacante Neymar. E reforça palavras e adjetivos que ajudam a plasmar uma seleção perdida, que erra muito, nervosa.

No entanto, a partir dos 13 minutos da etapa inicial, a **Seleção ficou um pouco perdida**. Mano Menezes passou a figurar um pouco mais na área técnica para orientar o posicionamento. **Ficou incomodado** por algumas vezes com a saída de bola, principalmente com **erros cometidos pelo lado direito**. [...] O Brasil voltou a pressionar mais em busca do segundo gol. Mas, por vezes, **pecou pelo preciosismo**. Como no lance de Lucas, aos 26. O apoiador passou duas vezes pelo mesmo marcador e tentou mais uma jogada. Mano não perdoou.

- **Para que mais um drible?** Você já fez toda a jogada... – questionou na beira do campo o comandante canarinho.

[...] Aos 16, Neymar **perdeu a chance do quarto** no melhor estilo "Inacreditável Futebol Clube": Lucas tocou para Rafael na direita, o lateral cruzou na medida para Neymar, mas, mesmo com o gol vazio, o atacante pegou mal e jogou por cima.

Outro lance inacreditável foi a expulsão de Alex Sandro. Primeiro, o jogador do Porto recebeu cartão amarelo aos 25. Seis minutos depois, o atleta simulou uma falta dentro da área e recebeu o vermelho. Mano ficou irritado com o árbitro de Gâmbia.

- **Apita p... nenhuma** – gritou o técnico (grifo do autor).

Neymar, inclusive, é muito retratado na reportagem do jogo seguinte contra Honduras – triunfo do Brasil por 3x2. O GE¹¹ ressalta as vaias recebidas pelo atacante:

Ah, Neymar... O craque vai deixar a Inglaterra detestado. [...] **A cada vez que pegava na bola, Neymar ouvia muitas vaias**. No início, só da torcida de Honduras, que estava em bom número no St. James Park, em Newcastle. Depois, os locais se uniram e o som ficou mais forte,

⁹Disponível em <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/brasil-vence-a-nova-zelandia-jogos-olimpicos/>. Acessado em 01/08/2012.

¹⁰Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/neymar-perde-chance-incrivel-mas-brasil-passa-em-1-e-fica-em-newcastle.html>. Acessado em 01/08/2012.

¹¹Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/neymar-e-damiao-vencem-vaias-ma-atuacao-e-colocam-o-brasil-na-semi.html>. Acessado em 04/08/2012.

lembrando o ocorrido no amistoso contra a Grã-Bretanha, em Middlesbrough, quando suas simulações foram condenadas pelo público (grifo do autor).

Além de voltar a identificar os jogadores do time com adjetivos como insegurança, estando aquém de uma equipe vencedora.

A atuação dos comandados de Mano Menezes **ficou longe de encher os olhos**. [...] **Gol do Brasil? Só com um a mais** [...] Mais uma vez a sensação era de que o Brasil, em vantagem numérica e no placar, ia disparar e ampliar o placar. **Engano**. A melhor chance de gol antes do apito final foi dos **bravos** hondurenhos, depois de **péssima saída de gol** de Gabriel. Espinoza, caído, só não empatou porque a zaga dividiu e provocou novo escanteio. Já nos acréscimos, o meia-atacante foi expulso, abraçou os brasileiros e deixou o campo muito aplaudido. [...] As substituições não surtiram efeito, **o goleiro escalado continuou sem transmitir segurança**... Muito menos do que poderia ser feito contra dez atletas de Honduras. **E muito, muito menos do que o Brasil vai precisar nos próximos jogos, na luta pelo ouro inédito** (grifo do autor).

O R7¹², por sua vez, silencia sobre as vaias possivelmente destinadas a Neymar, mas a reportagem não detalha o jogo tanto quanto a do GE. A diferença entre os discursos fica evidente, novamente, no momento de descrever o lance de um gol adversário.

No GE: “Um lance desprezioso, que começou num raro erro de passe de Thiago Silva, contou com erro de marcação de Rafael e Juan e terminou num inacreditável chute de Martinez, no ângulo de Gabriel. Festa hondurenha em Newcastle. E a aparente tranquilidade do início da partida começou a se transformar em drama”. No R7: “Aos 12min, Martinez acertou lindo chute no ângulo de Gabriel, titular da meta brasileira, e abriu o placar”.

Nas semifinais, contra a Coreia do Sul, nova vitória brasileira, desta vez por 3x0. Apesar do placar demonstrar uma certa facilidade na partida, o site GE volta a ressaltar as deficiências do Brasil¹³.

O Brasil demorou a se encontrar no primeiro tempo. A Coreia do Sul tocava melhor a bola e chegava com mais facilidade à área da Seleção. [...] O Brasil parecia nervoso. [...] O time estava perdido, sendo dominado pelos rivais. [...] A Coreia do Sul voltou como começou o primeiro tempo. Em cima da Seleção. E logo aos três minutos, a arbitragem **deixou de marcar um pênalti claro para os asiáticos** (grifo do autor).

¹²Disponível em <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/brasil-x-honduras-futebol-masculino-jogos-olimpicos-de-londres-2012/>. Acessado em 04/08/2012.

¹³Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/com-bencao-de-damiao-brasil-volta-final-olimpica-apos-24-anos.html>. Acessado em 07/08/2012.

Com trechos como: “Prevaleceu o **talento brasileiro** diante da disciplina tática da Coreia do Sul. Com **jornada inspirada** de Leandro Damiano, o Brasil venceu por 3 a 0” (R7, 07/08/2012), o R7 volta a mostrar um enquadramento voltado para as qualidades do time¹⁴.

O gol do meio-campo Rômulo é descrito com diferença pelos dois sites. Enquanto o R7 evidencia o que seria uma boa jogada dos atletas brasileiros - O camisa 10 (Oscar) **arrancou diante de vários marcadores e segurou a bola até a hora certa de dar o passe preciso** para Rômulo. O volante **surpreendeu** pela direita da grande área e **bateu por baixo do goleiro Lee** -, o GE enfatiza o erro do goleiro adversário no lance, diminuindo o feito do jogador do Brasil - O volante (Rômulo) finalizou de primeira, **sem muita força, mas o goleiro Lee aceitou**: 1 a 0 Brasil.

Essa diferença de enquadramento e de discurso diminui após a derrota na final, 2x1 para o México. O GE adota uma construção de equipe “**embalada e favorita**” que não foi encontrada em nenhuma das reportagens anteriores do site¹⁵. Mesmo assim, a atribuição de adjetivos como desespero, nervosismo e erros são vinculados aos atletas do país (grifo do autor).

Como nos últimos 60 anos, o Brasil iniciou o torneio de futebol masculino das Olimpíadas de Londres garimpando pela medalha de ouro. **E o garimpo da equipe de Mano Menezes ia bem. Com cinco vitórias, todas por três gols, a Seleção chegou neste sábado à decisão no estádio de Wembley embalada e favorita.** Mas na última etapa do trabalho, **garimpou errado.** No último passo, em vez de encontrar o esperado ouro, achou pela terceira vez a prata. **Com muitas falhas individuais** e graças a uma atuação objetiva do México, que venceu por 2 a 1 com direito a gol aos 29 segundos. [...] Com essa vantagem, o México apenas administrou, enquanto **os brasileiros se desesperaram.** Juan, aliás, chegou a dar uma dura em Rafael após passe de letra já perto do apito final. [...] A equipe passou até a jogar mais no campo do México, **mas pecava pelo nervosismo, cometia erros bobos, principalmente em trocas de passes. E foi em um erro de marcação que o time da América do Norte fez o segundo gol** (grifo do autor).

O R7 prefere falar em decepção pela medalha de prata¹⁶. E admite algum erro dos jogadores na derrota.

¹⁴Disponível em <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/leandro-damiao-decide-brasil-vence-coreia-do-sul-e-pegamexico-na-final-do-futebol/>. Acessado em 07/08/2012.

¹⁵Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/falhas-fatais-atrapalham-e-brasil-termina-garimpo-com-outra-prata.html>. Acessado em 11/08/2012.

¹⁶Disponível em <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/brasil-decepciona-perde-para-o-mexico-e-fica-com-a-prata-no-futebol-masculino/>. Acessado em 11/08/2012.

Brasil decepciona, perde para o México e fica com a prata no futebol masculino. Peralta, com dois gols, foi o carrasco brasileiro na decisão dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. [...] Para se ter ideia da péssima jornada brasileira, até mesmo o capitão Thiago Silva vacilou. [...] Em seguida, Oscar, sozinho na pequena área, cabeceou para fora o sonho do Brasil (grifo do autor).

Ao longo de todas as reportagens, o R7 chama para a transmissão exclusiva na TV aberta dos Jogos na Rede Record. Já o GE só passa esse tipo de informação na matéria da semifinal, convidando para a transmissão no canal de TV por assinatura Sportv, uma emissora das Organizações Globo.

CONSIDERAÇÕES

Por meio de seus enquadramentos noticiosos, os indivíduos (sobretudo aqueles que dependem mais intensamente da informação que circula pela comunicação de massa) elaboram uma percepção do mundo à sua volta – o que inclui suas percepções sobre a realidade esportiva.

Ao se associar este fato à constatação de que se vive hoje um momento de modernidade líquida ou pós-modernidade, caracterizado pela flexibilização de identidades (cada vez mais, o sujeito flutua entre todas as possibilidades de identificação, sem que as velhas identidades fixas sejam sempre acionadas), a cultura da mídia impacta também os processos de identificação com a seleção.

A disputa pelos direitos exclusivos na TV aberta brasileira afetou de alguma forma a disputa entre outros produtos jornalísticos e veículos de comunicação das emissoras Globo e Record. Sendo a internet hoje, um importante meio para o acesso à informação, vários indivíduos terão a construção da sua percepção da realidade influenciada de alguma forma pelo discurso adotado na rede.

E é a identificação, o sentimento de pertencimento a um simbolismo que é de alguma forma, construído nesse discurso produzido pelos meios de comunicação. Nesse ambiente cultural-midiático, onde se negociam as identidades, os enquadramentos adotados, por disputa empresarial, de interesses ou de forma inconsciente, ajuda a reconfigurar, de alguma forma, o sentimento de identificação com o objeto retratado.

Os sites GE e R7, em meio a uma disputa empresarial entre os grupos de comunicação Globo e Record, adotaram discursos distintos sobre a seleção brasileira de futebol nas Olimpíadas de Londres-2012.

O Globo Esporte adotou uma construção discursiva de uma seleção sem encanto, sempre vencendo sem convencer, com muitas falhas dos jogadores em todas as partidas. Em alguns momentos, representa o atleta Neymar, ídolo da sua geração, como um jogador que sofre com vaias, que sairá de Londres “detestado”. São atribuídas expressões negativas ao Brasil, somente admitindo a boa campanha e o favoritismo do time na última reportagem. Discursos adotados como o do site Globo Esporte podem contribuir para a hipótese da queda de identificação do torcedor brasileiro com a seleção.

Já R7, exaltou as atuações da equipe e construiu a imagem de uma seleção favorita, que encantava com suas atuações e que “estava cada vez mais próxima do ouro”. Porém, em alguns momentos, silencia sobre os problemas do time de Mano Menezes. Uma hipótese seria que a empresa, que detém os direitos de transmissão, tende a produzir notícias mais “positivas” com o intuito de promover o evento.

Resta saber de que forma os brasileiros se articulam em torno desse simbolismo diante dos enquadramentos da imprensa em torno de um evento emblemático como as Olimpíadas de Londres.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1 ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BERGER, P. T., LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta, 1997.

CAMPBELL, Joseph e MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DAMATTA, Roberto (org.). *O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 4 ed., 2000.

_____. *Quem precisa da Identidade?* In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HELAL, Ronaldo. *Futebol, Cultura e Cidade*. Logos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 5-7, 1997.

_____. *A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro*. Alceu(PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 19-36, 2003.

_____. *As Novas Fronteiras do "País do "Futebol"*. Pesquisa Rio / Faperj, v. 11, p. 37-40, 2010.

_____. *Mitos e Verdades do Futebol (que nos ajudam a entender quem somos)*. Insight Inteligência (Rio de Janeiro), v. 52, p. 68-81, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe. *Os meios de comunicação e a prática política*. Lua Nova, n 55-56. 2002.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In SILVA, Tomás Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p.7-72.

Sites:

www.globoesporte.com

www.r7.com